

D. João de Castro

I

Quem, percorrendo as paginas magnificas dos nossos velhos chronistas, as épicas narrações de João de Barros, os capitulos energicos e soldadescos de Diogo do Couto, ou as austeras e graves historias de Castanheda, quizer formar um juizo seguro sobre a diversa indole dos grandes vultos das nossas guerras indianas, sobre o seu merecimento comparado, as qualidades que os distinguiram, a feição especial do espirito de cada um, vê-se n'um serio embaraço, e não consegue talvez representar bem na imaginação essa galeria de heroes, com a diversidade inevitavel dos typos, com a variedade das feições, com as peculiaridades caracteristicas, em fim, que só podem dar vida ás figuras, e imprimir movimento e realidade humana aos vultos que esses eloquentissimos historiadores collocaram, quasi invariavelmente, sobre rhetoricos pedestaes na rigida immobilidade, na uniformidade olympica de estatuas de semi-deuses.

A historia narrativa procurava então aproximar-se quanto possivel da esculptura; attendia á correcção das roupagens, á serenidade das feições, á nobreza da attitude: hoje as narrações historicas procuram antes por ideal a pintura; querem as grandes massas de luz e de sombra, as figuras a moverem-se na téla, as expressões differentes a transluzirem nas physionomias, os mais leves cambiantes do pensamento a revelarem-se no olhar; a vida, em fim, a manifestar-se nas suas multiplas transformações. Nos seus quadros, cada vulto apparece com a sua indole diversa, e as figuras distribuem-se em differentes planos, conforme a gradação justa dos merecimentos que obtiveram para ellas a attenção da posteridade.

O futuro historiador do dominio portuguez nas Indias orientaes ha de por força embeber-se profundamente no estudo dos documentos e na interpretação das chronicas, para restituir a tantos vultos notaveis que na Asia resplenderam as suas physionomias verdadeiras, sobre as quaes os nossos velhos historiadores espraiaram uma camada de tinta brilhante, mas uniforme. Então essa galeria magnifica tomará um aspecto menos esculptural, mas infinitamente mais pittoresco; então entraremos mais de perto na intimidade d'esses grandes homens, que hoje envolvemos n'um sentimento de banal admiração, não distinguindo Affonso de Albuquerque de Duarte Pacheco, D. Francisco de Almeida de D. João de Castro.

Os panegyricos do seculo XVII vieram completar a confusão. Mais attento a pôr em relevo as suas imagens, aliás brilhantes, do que a indole do seu heroe, Jacinto Freire antes nos deixa adivinhar do que nos revela o caracter verdadeiro de D. João de Castro, que melhor se entrevê nos prologos dos seus roteiros, ou em algumas das suas cartas authenticas. Ahi é que o homem nos apparece na simplicidade do seu nobre caracter e na sua severidade de erudito, desacompanhado das metaphoras pomposas, que tantas vezes se interpõem ao vulto do heroe e á imaginação do seu turgido biographo.

Sem ter as grandiosas proporções dos vultos de Almeida ou de Albuquerque, a figura de D. João de Castro apparece-nos no meio da decadencia da nação como uma reminiscencia dos antigos tempos, como um ou outro d'esses generaes e imperadores romanos que surgiam, com uma austeridade quasi republicana, entre a devassidão de Byzancio e o aviltamento do imperio. Se vivesse no tempo de Nero, seria amigo de Thraséas; se vivesse no tempo dos Antoninos, seria favorito de Marco Aurelio. A grandeza theatral com que o seu vulto apparece aos olhos da posteridade é em grande parte consequencia do tempo em que surgiu. Ao lado de Almeida, ao lado de Albuquerque, seria mais uma espada robusta, mais um animo desinteressado, mais um espirito justiceiro. O seu genio desmaiaria junto das grandiosas concepções de Albuquerque e do profundo senso governativo do primeiro vice-rei. Não tem D. João de Castro as proporções nem de um fundador de imperios, nem de um reformador glorioso: na politica segue apenas as inspirações do

seu animo recto e justiceiro, na administração as da sua probidade inabalavel, na guerra as da sua incontestavel bravura e da sua serena constancia. Pois essas qualidades, que não bastam para fazer nem um grande politico, nem um grande administrador, nem um grande general, eram n'essa epocha as mais essenciaes na India portugueza, as que podiam tornar notavel o governo de um vice-rei, as que deviam assegurar ao homem que as possuisse uma influencia salutar nos seus contemporaneos, uma gloria immortal perante as gerações vindouras.

Não tinha D. João de Castro nem o genio do conquistador, nem a imaginação bastante vasta para conceber largos planos de colonisação; mas no seu tempo estender as conquistas era já para o reino não só inutil, mas prejudicial tambem; a metropole mal podia abranger com os braços, ainda que herculeos, o imperio immenso por onde se dilatava a sombra da sua bandeira. Renovar o plano de Albuquerque, da fundação de um imperio oriental, ou mesmo o plano mais modesto de D. Francisco de Almeida, da simples fundação de feitorias amparadas por esquadras, era n'esse tempo de uma impossibilidade absoluta. As prepotencias, a crueldade, a tyrannia dos portuguezes, tinham cavado um tão largo abysmo entre conquistados e conquistadores, que a fusão devaneada por Albuquerque estava sendo uma perfeita chimera; o dominio portuguez era tão odiado, anciavam tanto os rajahs indianos, apenas comprimidos pelo prestigio das nossas armas, por sacudir o nosso jugo, que o desamparo de um palmo de terra seria o signal de uma sublevação unanime; e o proprio D. Francisco de Almeida não quereria em taes circunstancias executar o seu plano. A politica habil era n'esse tempo a simples, a que o nobre coração de D. João de Castro naturalmente lhe dictava: suspender a torrente da corrupção com o exemplo de uma virtude austera, combater o odio dos indigenas com a novidade da justiça, retemperar os brios dos portuguezes nas tradições cavalheirescas, representadas no seu vulto, verdadeiro espelho de lealdade e de valor, de quem se podia dizer, como do vulto de Bayard, que era o de um cavalleiro *sans peur et sans raproche*.

O exemplo, só o exemplo, emanando de tão alto, bastou para resuscitar na India os bellos tempos dos primeiros dias da conquista; o nivel dos espiritos insensivelmente levantou-se quando appareceu á testa do governo um typo tão perfeito de rigidez, de justiça e de probidade. Como se a Providencia quizesse mostrar ao mundo asiatico um exemplo derradeiro de virtude elevadissima, tanto no temporal como no espiritual, concordou com o governo de D. João de Castro uma parte do apostolado de S. Francisco Xavier. Foi nos braços do meigo evangelisador que o nobre vice-rei soltou, ao expirar, a sua grande alma. Quando as fogueiras da inquisição avermelhavam o horisonte, quando a corrupção desbragada dos nossos soldados ia enervar os animos e provocar as iras do Omnipotente, o espirito banha-se com delicias na doce luz da aureola do santo, retempera-se na chamma pura e ardente que inflamma o coração do integerrimo vice-rei. O imperio indiano suspende-se na decadencia em que vae resvalando, a gloria das nossas armas resplende de novo immaculada aos olhos deslumbrados de amigos e de adversarios, a historia intercala uma pagina de oiro nas paginas negras consagradas a essa phase do nosso dominio, e as prepotencias de Martim Affonso de Sousa, a corrupção de Lopo Vaz de Sampaio, servem para dar novo realce á justiça e á probidade de D. João de Castro, como as devassidões de Tiberio e as cruezas de Nero avivam, aos olhos da posteridade, o esplendor da pureza e da clemencia de Trajano.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

TITULOS DE NOBREZA EM PORTUGAL

(Conclusão. Vid. pag. 237)

IX

VISCONDE

Tambem foi no imperio romano que teve origem o titulo de visconde. Parece que foram os proprios condes que principiaram a chamar viscondes ás pessoas de sua confiança, a quem entregavam o exercicio das suas funcções quando tinham de ausentar-se, ou por outro qualquer impedimento. Ha, porém, alguns auctores que dizem que fôra o povo quem começou a denominar *vis-condes* aos delegados dos condes. Seja como for, o que é certo é que os imperadores, acceitando aquella pratica, conferiram d'ahi em diante o referido titulo aos individuos que nomeavam para fazer as vezes dos condes no governo das provincias durante qualquer impossibilidade d'estes, ou confirmavam n'elle os escolhidos pelos mesmos condes.

Passado tempo depois da destruição do imperio romano, quando todos aquelles titulos, que significavam jurisdicção, foram convertidos, entre as differentes nações do norte e meio-dia da Europa, em mercês simplesmente honorificas, alguns condes solicitaram para os seus filhos primogenitos o titulo de visconde, com o fundamento de que, na qualidade de herdeiros da sua casa e do seu nome, eram os seus legitimos representantes. A condescendencia dos soberanos fez que se multiplicassem os requerimentos para a concessão de taes graças; e d'este modo se foi generalisando o titulo de visconde, como succedeu entre nós aos titulos de condes e de marquezes, quando se principiaram a dar, aquelles aos primogenitos dos marquezes e estes aos dos duques.

Vindo assim a ser adoptado n'aquellas nações o titulo de visconde, conferiram-n'o os reis pelo tempo adiante independentemente da circunstancia mencionada.

Foi el-rei D. Affonso v quem introduziu este titulo em Portugal. Creou-o fóra do reino, em occasião e logar bem solemnes, pois que foi tres dias depois de uma grande batalha e perto do campo em que pelejou, sendo a mercê galardão de distinctos serviços militares. Foi creado o titulo de visconde de Villa Nova da Cerveira em favor de D. Leonel de Lima, e a carta régia foi assignada por el-rei D. Affonso v aos 4 de março de 1476, na cidade de Touro, da Estremadura hespanhola, junto da qual se dera, no dia 1.º d'aquelle mez, a batalha que ficou celebre na historia com o nome da dita cidade, e na qual combateram, de uma parte aquelle soberano e seu filho, o principe D. João, e da outra D. Fernando de Aragão, a quem o monarcha portuguez disputava os reinos de Castella e Leão.

D. Leonel de Lima, a quem Damião de Goes, seu contemporaneo, chama, na *Chronica del-rei D. Manuel*, D. João de Lima, o que nos leva a crer que o seu verdadeiro nome era D. João Leonel de Lima, descendia de mui antiga e illustre linhagem. Os seus ascendentes desfructavam nos principios da monarchia o titulo de ricos-homens, que, como em outro logar dissemos, era n'esses tempos o maior titulo de nobreza. Quando recebeu o titulo de visconde já era alcaide-mór de Ponte de Lima, senhor d'esta villa, da dos Arcos de Val de Vez e de outras terras.

A rainha D. Maria I, por decreto de 17 de dezembro de 1790, elevou ao titulo de marquez de Ponte de Lima a D. Thomaz Xavier de Lima Nogueira Vasconcellos Telles da Silva, 14.º visconde de Villa Nova da Cerveira, mordomo-mór da mesma soberana, conselheiro de estado, seu ministro assistente ao despacho, e ministro e secretario de estado dos negocios

do reino e da fazenda, etc.; ao qual deve Lisboa a creação de dois estabelecimentos importantes: a bibliotheca publica e a casa pia.

Ao presente, seu neto, o sr. D. José Maria Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, é 3.º marquez de Ponte de Lima, 17.º visconde de Villa Nova da Cerveira, 21.º senhor do morgado de Soalhães, 20.º dos de S. Lourenço, de Lisboa, e dos da casa de Mafra, etc.

Durante perto de dois seculos foi este o unico titulo de visconde que houve em Portugal. Foi creado o segundo viscondado por el-rei D. João IV, nomeando visconde de Castello Branco a D. Antonio de Castello Branco por carta de 25 de setembro de 1649; ao qual el-rei D. Affonso VI fez conde de Pombeiro, e foi o primeiro dos oito condes d'este titulo que tem havido até ao presente.

El-rei D. Affonso VI creou dois novos viscondados: o de Barbacena, mais tarde elevado a condado e actualmente extincto; e o da Asseca, ainda existente. El-rei D. Pedro II creou o viscondado de Fonte Arcada, que tambem ainda existe. Até ao reinado de D. Maria I não se deu novo titulo de visconde. D. João VI, como principe regente e como rei, concedeu varios titulos de visconde, os quaes se tem multiplicado extraordinariamente nos tempos modernos.

X

BARÃO

Deriva-se este nome do vocabulo latino *baro*, usado na baixa latinidade para significar *homem* simplesmente, isto é, sem se lhe ligar idéa alguma de distincção. Veiu tempo em que se lhe juntou, até certo ponto, essa idéa, applicando o vocabulo ao homem grave e de respeito ou auctoridade. Depois, subindo de valia, serviu para designar o homem poderoso em bens e senhorios. Generalisou-se o nome de barão sob o regimen feudal, dando-se aos grandes ou poderosos vassallos do soberano, embora tivessem titulo de duque, marquez ou conde. Na Italia, na Allemanha e em Inglaterra, chamavam barões aos senhores feudaes. Em França appellidavam altos barões aos individuos da mais elevada nobreza, classificados alli com o titulo de pares de França. A palavra *baronia* tinha então triplice significação, porque designava as possessões dos barões, a extensão da sua jurisdicção e a nobreza em geral.

Em fim, alguns fidalgos, senhores de grandes feudos, e procedentes de illustre e antiga linhagem, parecendo-lhes mal que não correspondesse a tanta prosapia um titulo especial de nobreza, que os distinguisse d'entre os mais barões, solicitaram, e obtiveram em recompensa de serviços prestados ao seu soberano, a permissão de se intitularem barões do castello ou senhorio onde tinham o seu solar. Assim foi creado e accrescentado aos antigos titulos de nobreza o de barão. Ao principio foi a munificencia dos soberanos muito avara d'estas mercês; porém, pelo correr dos tempos, converteu-se essa avareza em prodigalidade, de sorte que em alguns paizes multiplicaram-se excessivamente os titulos de barões, perdendo, por conseguinte, muito do apreço e valia em que eram tidos.

Foi tambem el-rei D. Affonso V quem introduziu em Portugal o titulo de barão, mas não, como alguns escriptores disseram, depois do seu regresso de França, dando a entender que de lá trouxera esta pratica.

Voltando João Fernandes da Silveira da Allemanha, onde fôra acompanhar a imperatriz D. Leonor, irmã del-rei D. Affonso V, este monarcha, em recompensa d'este e de outros muitos serviços, nomeou-o barão de Alvito por carta de 27 de abril de 1475, isto é, no anno anterior á viagem del-rei a França.

Para que se faça uma idéa da estimação em que o soberano tinha este novo titulo, faremos aqui uma breve resenha da illustre ascendencia do agraciado, dos variados e altos cargos que exercia, e dos importantes serviços que a esse tempo já tinha prestado.

De D. Affonso Diniz, filho legitimado del-rei D. Affonso III, e de D. Maria Paes Ribeira, herdeira da grande casa de Sousa, de que tratámos sob o titulo de *duque de Lafões*, foi segundo filho D. Martim Affonso de Sousa, senhor de Bayão. Um filho d'este, chamado Affonso Martins, depois de enviuvar, e tendo servido na guerra com muita distincção a el-rei D. João I, com o qual se achou na batalha de Aljubarrota, professou no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e d'elle foi o 19.º dom prior. Seu filho legitimo, D. Fernando Affonso, doutor em leis pela universidade de Bolonha, foi pae de D. João Fernandes da Silveira, 1.º barão de Alvito. Por conseguinte, além do lustre que lhe vinha da nobilissima familia dos Sousas, de que procedia, era quarto neto del-rei D. Affonso III.

Foi D. João Fernandes da Silveira regedor das justiças, o maior cargo da magistratura; chanceller-mór del-rei D. Affonso V; seu escrivão da puridade, logar correspondente hoje a ministro e secretario de estado, com a differença de que não tinha collegas na governança do estado; vedor da fazenda; e, finalmente, dez vezes embaixador a diversos soberanos da Europa.

Quanto aos serviços, póde-se ajuizar d'elles pela qualidade dos cargos que exerceu e pela sua longa carreira publica. Foi distincto nas armas, na administração da justiça e no governo do reino; porém a sua principal gloria e os mais importantes serviços que fez ao paiz consistiram no desempenho das suas missões diplomaticas.

Casou duas vezes, a segunda com D. Maria de Sousa Lobo, filha herdeira de Diogo Lopes Lobo, senhor de Alvito, Villa Nova, Oriola, Aguiar e Niza, e de D. Isabel de Sousa, filha de D. Lopo Dias de Sousa, mestre da ordem de Christo e senhor da illustre casa de Sousa, a que acima nos referimos. D'este consorcio nasceram dois filhos, D. Diogo Lobo da Silveira, que foi 2.º barão de Alvito, e D. Filippe de Sousa, que tomou o appellido materno e foi tronco da familia dos Sousas, senhores dos morgados de Calhariz, de Monfalim e da Fonte do Anjo, alcaides-móres da Certã, capitães da guarda real allemã, hoje dos archeiros, e que em nossos tempos foram elevados aos titulos de conde, marquez e duque de Palmella.

D. Luiz Lobo da Silveira, 7.º barão de Alvito, foi feito 1.º conde de Oriola por el-rei D. João IV, aos 9 de agosto de 1653. O novo titulo, porém, não poz o primeiro em esquecimento. O povo nunca lhe chamou conde de Oriola, mas sim conde barão de Alvito, ou simplesmente conde barão, como ainda ao presente se denomina o largo de Lisboa onde se ergue o palacio d'esta familia.

El-rei D. José I elevou a marquez de Alvito D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, 3.º conde de Oriola e 10.º barão de Alvito, por decreto de 4 de junho de 1766. Ao presente é o sr. D. José Antonio Lobo da Silveira Quaresma 5.º marquez de Alvito e 18.º senhor da mesma villa. Succedeu no titulo de marquez a seu avô por decreto del-rei o sr. D. Pedro V. É filho dos 7.ºˢ condes de Oriola e 14.ºˢ barões de Alvito.

Foi este o unico titulo de barão que houve no reino durante dois seculos, até ao reinado de D. Affonso VI, que creou o de barão da Ilha Grande, que se extinguiu no seculo passado. Do mesmo modo que os viscondes, a vulgarisação d'este titulo começou no reinado da sr.ª D. Maria II.

Ao tempo da sua introducção n'este paiz, os titulos de visconde e barão eram tambem conferidos com certo ceremonial, porém menos ostentoso que o praticado na investidura dos outros titulos superiores. O

agraciado saía de casa para o paço egualmente com brilhante e numeroso acompanhamento, precedido dos reis d'armas e arautos; e el-rei recebia-o na sala do throno e no meio da sua côrte, vestida de gala. Porém aqui limitavam-se as ceremonias a dizer el-rei em voz alta, apenas o via entrar na sala: «Venhaes embora, visconde ou barão de tal.» Seguia-se logo o beija-mão, e findo elle voltava o novo titular para sua casa da mesma fórma que viera. O mais que havia era festa de familia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PARIS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867

(Vid. pag. 155)

VII

EXPOSIÇÃO DO BRASIL

Como nós, os portuguezes, pelas razões de parentesco e pela estreiteza das relações commerciaes, podêmos ser accusados de parcialidade em os nossos juizos ácerca do Brasil, quer na apreciação do seu desenvolvimento actual, quer nos vaticinios sobre o seu futuro, vamos transcrever as phrases com que auctor insuspeito consignou a sua opinião, na capital do mundo civilisado, a respeito do presente e futuro d'aquelle imperio.

O jornal de Paris intitulado *Exposição universal de* 1867, tratando em o seu numero 25 da exposição dos productos brasileiros, começa com os dois periodos seguintes:

«Quando se considera, depois de ter estudado a exposição brasileira, nas circumstancias desfavoraveis em que ella foi organisada; quando se pensa em que esse paiz, ha tres annos inteiramente occupado e preoccupado com a necessidade de vingar as injurias feitas ao amor proprio nacional, sustenta uma guerra difficil contra inimigos protegidos por trincheiras naturaes e pela difficuldade das operações militares em um territorio quasi inaccessivel; quando se attenta bem em tudo isto, adquire-se a convicção de que o Brasil tem diante de si um futuro esplendido, e que um dia virá, mais breve talvez do que se presume, em que este imperio será contado entre as primeiras nações do mundo.

«Na decima quarta divisão ou repartimento do palacio do campo de Marte, todo consagrado á America, a mais rica exposição que ahi se encontra é a do Brasil. Pequeno logar n'ella occupa a industria, é verdade; posto que ahi figurem certos productos fabricados no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco que não são inferiores aos seus similhantes saidos das officinas da Europa. Notámos os chapéos de feltro e de seda, e calçado de mulher, que facilmente se podem tomar por obra feita nas melhores officinas de Paris. Acha-se, sobre tudo, na galeria das machinas uma collecção de marroquins, que é talvez a mais bella de todas as que se vêem expostas no campo de Marte. Todavia, a industria do Brasil apenas alimentará, ainda por muitos annos, certamente, uma parte do consumo local. Iremos mais longe em nossos juizos dizendo que difficilmente ella ha de achar saída, nos mercados estrangeiros, para os seus coiros preparados, para os seus chapéos, tecidos e velas. Oppõe-se a isso o preço da conducção; e, por mais lisongeiro que seja o quadro dos resultados já obtidos pela industria, não póde deixar de se reconhecer que a parte verdadeira, util e pratica da exposição brasileira não se encerra n'esse quadro, mas sim nas producções do solo, tão ricas quão variadas.»

Não se lembrou o auctor do citado artigo de enumerar, entre as circumstancias desfavoraveis em que foi organisada a exposição brasileira, uma que já antes da guerra com o Paraguay actuava sinistramente sobre o Brasil. Foi essa circumstancia a terrivel crise monetaria, que, passando da Europa á America, produziu no Brasil tão grandes desastres commerciaes, paralysando todos os ramos da industria; males estes que a lucta com o Paraguay veiu aggravar e prolongar até ao presente.

Não obstante, pois, achar-se a braços com tantas e tão graves difficuldades, o Brasil apresentou-se dignamente no grande concurso industrial a que a França convidou todas as nações civilisadas do mundo.

Como os nossos leitores poderão julgar á vista da gravura que lhes offerecemos, o governo brasileiro não se poupou a despezas a fim de que a parte do palacio do campo de Marte, destinada á exposição dos productos do Brasil, fosse disposta e decorada com grandeza e esplendor.

A fachada geral é de lindo effeito e de apurado gosto. Compõe-se de uma galeria de porticos de fórma esbelta, que dão entrada para diversas salas da exposição. A nossa gravura mostra um d'estes porticos e parte da sala a que elle dá ingresso. Entre as differentes decorações exteriores avultam, encostados ao edificio, como bellas columnas, elegantes coqueiros com trophéos de bandeiras do imperio.

A architectura e ornamentação das salas differem umas das outras. Porém no que se assimilham é nas côres que n'ellas brilham, no oiro e no verde, as côres que o Brasil escolheu para divisa da nacionalidade brasileira, e como symbolo da potente vegetação e das riquezas mineralogicas do seu abençoado solo. Tambem a todas as salas servem de adorno cercaduras de folhagem das plantas do tabaco e do café, que, sendo dois dos mais importantes elementos da riqueza publica n'aquelle paiz, figuram aos lados do seu brazão d'armas como emblemas da prosperidade que a agricultura promette ao imperio. Toda esta obra foi delineada e dirigida por mr. Chapou, architecto francez.

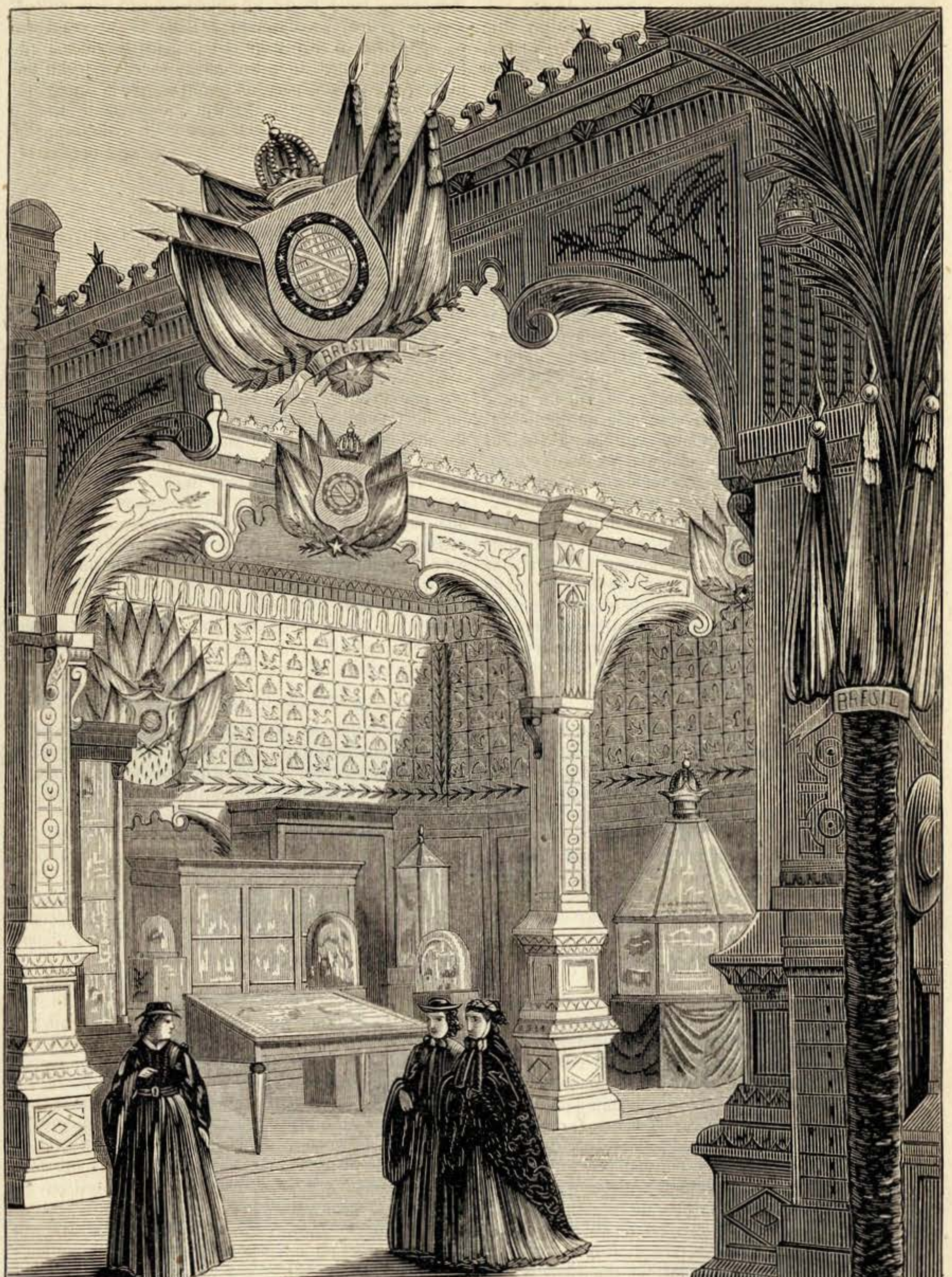
Concorreu o Brasil á exposição universal de 1867 com variados productos da sua industria manufactora, sobresaindo d'entre todos os que acima vão notados. Porém no que a exposição brasileira se avantajou, brilhando e attrahindo as attenções no meio d'aquelle grande certamen da industria de todos os povos, foi nos productos agricolas, nas riquezas do solo.

É longo e variadissimo o catalogo dos productos que exhibiu. Mencionaremos sómente os mais importantes, isto é, os que constituem na actualidade os elementos da riqueza publica, e os que promettem entrar n'esse numero em breve tempo.

Á frente de todos os productos da agricultura devemos collocar o café, como o mais valioso de todos e o que maior movimento dá ao commercio de exportação.

Para que se possa ajuizar da importancia d'este ramo da industria agricola e commercial, bastará dizer que se calcula que quasi metade do café que se consome em todos os paizes do mundo é fornecido pelo Brasil; que este imperio consome a quinta parte do café que produz, e que as quatro partes que exporta representam aproximadamente um capital de quarenta e oito mil contos de réis, ou cento e vinte milhões de cruzados por anno.

Esta producção augmenta de anno para anno pelo desenvolvimento contínuo da agricultura, não obstante a falta de braços; e tem-se aperfeiçoado muito pelos desvelos empregados pelos agricultores na sécca do fructo. O café brasileiro, principalmente o das provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes, é reputado nos mercados da Europa, sobre tudo nos de França, egual na qualidade ao de Moka, na Arabia, que era até ha pouco tempo o mais afamado. Considerando, por conseguinte, por um lado no avultadissimo valor da producção actual, e por outro lado na immensa ex-



Exposição brasileira, no palacio do campo de Marte

tensão de terrenos ainda incultos, mas muito proprios para a cultura do café, que o Brasil possue, reconhecer-se-ha que este ramo de agricultura podia fazer, só de per si, a prosperidade de um estado.

Logo depois do café figura o assucar como outro abundante manancial da riqueza do paiz. A quantidade d'este producto consumido no imperio e exportado para o estrangeiro sobe a uma somma elevadissima. Esta industria, porém, que tantos aperfeiçoamentos tem tido modernamente no Brasil, quer em relação

ao fabrico, quer a respeito da refinação, não se achava bem representada na exposição, segundo dizem.

Não acontecia o mesmo ao tabaco, outro precioso producto de que o Brasil colhe tão avultados lucros. Achava-se alli um bom sortimento da planta e dos productos em que a industria a transforma. A cultura e fabricação do tabaco constituem ramos de industria importantissimos no imperio, sobre tudo nas provincias do Rio de Janeiro e Bahia. O tabaco d'esta ultima goza nos mercados europeus quasi egual reputação ao da Havana, e seria egual se os agricultores brasileiros applicassem attenção mais desvelada na preparação das folhas.

Fez o Brasil uma bella exposição de amostras de algodão, em que apresentou algumas variedades que são muito apreciaveis. Posto que já bastante desenvolvida, é, por assim dizer, uma industria nova n'aquelle imperio, porque o seu grande desenvolvimento data do tempo da guerra civil dos Estados Unidos. Se attendermos a que este producto é o principal elemento da prosperidade dos estados do sul da União americana, poder-se-ha fazer uma idéa do que o Brasil tem a esperar de simillhante cultura, á qual os lavradores estão applicando particular cuidado, e o governo promovendo por todos os meios ao seu alcance.

A par dos oleos de palma, de côco, e de outros extrahidos de differentes vegetaes, estavam mais de vinte especies de resinas, e o caut-chouc, que tão grande e variado emprego está tendo na industria. Extrahe-se por meio de incisões feitas no tronco de uma arvore da familia das euphorbiaceas, chamada scientificamente *hevea guianensis*, a qual abunda muito nas mattas das provincias do Pará e do Amazonas. A exportação d'este producto em bruto e em obra, pela barra do Pará, elevou-se no anno economico de 1864-1865 a 3.242:926 kilogrammas.

As madeiras das florestas do Brasil, tão variadas e excellentes para construcção e marcenaria, formam um ramo importantissimo da riqueza d'esse paiz, ainda ao presente pouco aproveitada pela difficuldade do transporte, mas a que os caminhos de ferro em construcção hão de em breve facilitar a saída. Entretanto, algumas especies, principalmente o pau santo ou jacarandá, são objecto de grande exportação e valioso commercio. O Brasil apresentou no palacio do campo de Marte uma bella collecção de amostras de madeiras; todavia, cremos que não offerecia, por diminuta, um quadro verdadeiro das riquezas que o paiz encerra n'este genero.

Da sua opulencia mineralogica fez o Brasil uma exposição, se não completa, todavia brilhante. No meio d'esses productos variadissimos do reino mineral, figuravam uma collecção de diamantes e diversos pedaços de carvão de pedra, aquella tenue amostra d'essa industria extractiva, que outr'ora attrahiu áquelle paiz tão grande quantidade de braços, e que forneceu ao commercio a maior parte das pedras preciosas que tem trazido no seu gyro; estes não passam por em quanto de esperanças, mas esperanças que promettem a realisação, em proximo futuro, de incalculaveis beneficios para o imperio.

As amostras de carvão de pedra, a que nos referimos, foram extrahidas dos jazidos descobertos nas provincias de Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Ainda não estão bem analysadas e sufficientemente conhecidas a extensão e possança d'essas minas. Porém as investigações até hoje feitas; o suave declive da estratificação e a simillhança dos terrenos, fazem presumir que na margem direita do rio Jácahy existem, approximadamente, sete milhões de toneladas de carvão de pedra, em profundidade insignificante comparada com a de eguaes jazidos da Europa.

Sendo a applicação do vapor ás machinas o principal instrumento dos actuaes progressos, quasi milagres, da industria, que immenso desenvolvimento deve vir a ter o Brasil quando as suas minas de carvão de pedra, satisfazendo a todas as necessidades da industria, o dispensar dos pesados sacrificios que faz para o obter do estrangeiro; sacrificios que annullam em grande parte os esforços que o Brasil emprega para se elevar á altura a que parece destinal-o a Providencia, que tão generosamente o dotou!

I. DE VILHENA BARBOSA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

(Vid. pag. 254)

Dirigimos a nossa navegação para sudoeste, passando muito proximo da costa da America, e á vista da ilha da Trindade e dos ilhotes de Martim Vaz, rochedos distantes d'aquella talvez umas trinta milhas. Andámos com a mesma proa até 44° de latitude sul, observando a miude a temperatura da agua com o fim de prevenir a aproximação de alguma ilha de gelo, das que se observam pelas latitudes austraes, ás vezes mais ao norte do ponto até onde fomos. O cabo das Tormentas, denominação melodramatica depois convertida na de cabo da Boa Esperança, quem ha ahi que se não tenha costumado desde a infancia a consideral-o com um certo respeito misturado de terror? Por mim, desde que comecei a soletrar os *Lusiadas*, e li e reli o episodio do Adamastor, fiquei sempre alliando a idéa do cabo da Boa Esperança com a de uma borrasca desfeita, e a de uma voz cavernosa bradando do concavo dos penhascos e echoando na immensidade do Oceano com as palavras do poeta:

«.....Ó gente ousada mais que quantos, etc.»

Contra o que eu esperava, dobrámos o cabo para léste a todo o panno, com optimo tempo, sem nada do colorido sombrio e tetrico de que a minha imaginação tinha indispensavelmente revestido aquella paragem.

Tomei nota do facto, que attribui a termos dobrado o cabo tanto ao sul, onde porventura não chegariam os bafejos do amante da alta esposa de Pelêo; ou a que este, cedendo ao influxo de idéas progressistas, desistisse de torturar os navegantes, e fosse empregar a sua actividade em mister de utilidade pratica, dando por terminada a sua terrivel *vendetta*.

Appareceram-nos em abundancia nas visinhanças do cabo, tanto ainda no Atlantico como já depois no mar das Indias, as differentes aves que n'aquella região se costumam encontrar, seguindo o navio por dias consecutivos, com o fim de se saciarem n'algumas substancias que caem ao mar, e que ellas arrebatam da superficie da agua. São de varias especies, todas ellas palmipedes, e conhecidas pelos nomes de *feijões frades*, *mangas de veludo*, *albatrozes*, *mangalhoes*, *brigadeiros*, *almas de mestre*, etc. Andam aos bandos em differentes direcções, cortando a proa ao navio, deixando-se ficar pela pôpa fóra, erguendo o vôo altivo, e descendo depois até tocarem na agua, sobre a qual se conservam ás vezes fluctuando por algum tempo. As *almas de mestre* são de todas ellas as menos corpulentas; apparecem em bandos mais numerosos, e diz-lhes respeito a bem conhecida lenda que fez com que Garrett pozesse na boca de Camões as palavras:

«Alta a noite escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Em terra de seus paes, e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes!»

É notavel que alguns d'estes passaros, quando poisam no navio, experimentam um enjôo simillhante ao

que se dá na especie humana. Vomitam e como que perdem o tino para fugir, sendo necessario arremessal-os a distancia para erguerem novamente o vôo. São ferozes, e aggridem com o bico e com as unhas quem os segura.

Ao collo de um que apanhámos suspendemos, atada n'uma fita, uma inscripção com o nome do navio e a data, largando-o em seguida.

Passado o cabo, no mar das Indias, com vento fresco, navegámos por mais de trinta dias sem vermos terra, até avistarmos a ilha de Sandalwood, no archipelago das Molucas.

Que direi da monotonia d'essa longa travéssa, durante a qual se viam todos os dias reproduzidas com inalteravel regularidade as scenas da vespera?

Se estas minhas cartas fossem alguma coisa mais do que uma narrativa familiar, podia eu agora começar a encarecer-te a supposta poesia das scenas do mar, curvar-me respeitoso perante a magestade do Oceano, e extasiar-me ao descrever-te o nascer do sol. Mas estas paginas, á falta de outro merito, quero que tenham o de serem francas e sinceras. Quem avaliar o mar e a vida maritima pelas descripções dos poetas illude-se completamente. Pela minha parte, assevero-te aqui á puridade que nunca, por mais que procurasse, pude encontrar em tudo isso mais que prosa. Se, contemplando o despontar da aurora, julgava ter de admirar alguma scena de maravilhosa poesia, a desillusão não tardava em manifestar-se.

No surgir do sol no mar notam-se os admiraveis phenomenos opticos que tambem observámos em terra, sem haver, comtudo, o avultar cada vez mais distincto de tudo o que nos rodeia no monte, na campina ou na cidade. Quem se extasia perante o alvorecer no mar nunca aspirou a brisa da madrugada nos campos da nossa peninsula, vendo o astro do dia elevar-se pouco a pouco detraz do serro, vendo o verde das campinas que se destaca com seus varios cambiantes da escuridão confusa da noite, e ouvindo os trinos harmoniosos do cantor da madrugada!

O mar é magestoso e imponente, mas a impressão que recebemos ao contemplal-o perde o prestigio na monotonia da continuidade. A borrasca, bramindo irada em torno do fragil lenho que a audacia humana atirou para o seio das aguas, seria bella se o infeliz, que luctando com os elementos em desordem e vendo a cada momento a morte nas azas negras da procella, estivesse em disposição de lhe avaliar a belleza.

Os trabalhos da vida do mar, desde a baldeação, alagando d'agua salgada o pavimento, até ao balanço, que nos não consente estar firmes, e ao enjôo, que converte a mulher mais bella n'um ser repugnante, é uma serie de actos sem belleza nem attractivos.

E quantos, enganados pelas attrahentes descripções em que se empenham todos os recursos do estilo, não abraçam essa vida de trabalho inglorio; e, caídos n'aquelle abysmo, lhe não podem depois já fugir, ou porque a edade, adiantando-se, lhes estorva o abraçarem outra carreira, ou porque a força do habito, que é, na phrase de Frayssinous, uma segunda natureza, lhes tem modificado a organisação, e os não deixa ir ganhar n'outra parte a subsistencia quotidiana!

Ha na nossa litteratura moderna um livro de incontestavel merecimento, e que, na minha opinião, é eminentemente perigoso. É um monumento que o patriotismo e as lucubrações de um dos nossos mais distinctos officiaes do mar ergueram ás nossas glorias maritimas. Fallo dos *Quadros navaes*, do sr. conselheiro Celestino Soares. N'aquelle primeiro volume, principalmente, ha paginas de admiravel descripção, onde se acham gravados actos de valor que ennobrecem sobremaneira o caracter respeitavel da marinha portugueza. Não foi só no tempo dos Albuquerques e dos Gamas que d'este canto da Europa saíram heroes a praticar na solidão do Oceano e nas regiões d'além-mar actos de sublime valor, que fizeram o nome portuguez respeitado em todo o mundo conhecido. Muito mais modernamente, mesmo já nos nossos dias, os maritimos portuguezes tem sabido sustentar com coragem heroica a honra da sua nação. E de algumas d'essas scenas, de que devemos orgulhar-nos, fez o auctor dos *Quadros navaes* uma collecção em que á verdade da narrativa junta um excellente vigor de colorido. Em quanto entre nós se publicarem escriptos como aquelle, não podêmos temer que o nosso valor nacional deixe de ser reconhecido, mesmo por aquelles que, abusando da nossa actual carencia de recursos materiaes, mettem a pique os nossos navios em lucta desegual; e, justificando-se com um simulacro de processo, assassinam os nossos irmãos em Hong-Kong, com o fim evidente de empolgarem o prestigio de que gozâmos para com os chins.

Mas o sr. Celestino Soares leva o seu excessivo amor pelas coisas do mar a ponto de aformosear, com todos os artificios do seu talento, as situações mais angustiosas d'essa vida excepcional.

A maior desgraça que póde acontecer ao marinheiro na sua laboriosa lida é finar-se em viagem e ir ter sepultura no fundo do Oceano, sem nos derradeiros instantes ter o carinho dos seus, nem uns poucos de palmos de terra que lhe envolvam o cadaver no solo do seu paiz. E é esse infeliz remate da vida do homem do mar uma das scenas que o illustre escriptor encarece com mais attrahentes ornatos, engrandecendo, sem mostrar o reverso da medalha, a honra que recebe o fallecido de ser acompanhado até ao portaló pela bandeira nacional, servindo-lhe de lençol mortuario!

Triste honra e desgraçada homenagem ao homem util, ao movel poderoso da conservação e engrandecimento do seu paiz!

Envolve, ó patria mesquinha, na tua bandeira o cadaver do filho que te sacrificou na ardua labutação até o ultimo instante aproveitavel da sua vida; mas concede-lhe essa honra só até ao portaló! Não o deixes ir para o fundo do Oceano amortalhado no teu pavilhão, que o voraz habitante do mar teria de romper para saciar a fome no cadaver do infeliz!

A honra concedida ao pobre marinheiro é uma distincção miseravel!

A hyperbole do sr. Celestino opporemos as palavras cheias de sentimento e de verdade que Luiz de Camões, com o instincto do grande poeta, poz na boca da mãe inconsolavel:

«Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

Tive occasião de observar um phenomeno, que, apesar de já o julgar verdadeiro e facilmente explicavel, nunca pensei que se manifestasse tão sensivelmente. É o cheiro da terra percebido a grande distancia. Não me admirava que as emanações aromaticas da vegetação, levadas pelos terraes, fossem impressionar a maior ou menor distancia o olfacto do navegador; mas surprehendeu-me o reconhecer claramente o aroma florestal da costa da Australia dois graus a oéste d'ella. Por mais vezes aspirei os effluvios odoriferos de differentes ilhas da Oceania, mas a tão grande distancia só na Australia.

Depois de longo decorrer pelo oceano Indico, sempre com vento fresco e favoravel, chegámos á vista da ilha de Sandalwood, e depois das de Banjoar e Savú; e passados dois dias á das ilhas de Pantar, Ombay e Timor.

Estas ilhas, como todas as da Oceania, offerecem um bonito aspecto quando, á medida que nos vamos aproximando, se nos vão tornando cada vez mais dis-

tinctas. Bastante montanhosas e todas cobertas da vegetação abundante dos tropicos, são de um bello effeito vistas do mar.

Já com Timor á vista, veiu torturar-nos a calma, que nos fez andar dois dias costeando a ilha sem podermos entrar no porto de Dilly, capital do territorio que alli possuimos. Durante dois dias estivemos, pois, vendo constantemente por estibordo Timor, por bombordo Pantar e Ombay. A corveta *Goa*, em setembro anterior, tinha acontecido o estar quinze dias em frente de Pantar sem poder avançar uma milha.

Finalmente, no dia 1.º de fevereiro, impellidos por uma frouxa aragem que soprou inesperadamente, podémos entrar no porto e fundear ás 4 horas da tarde. Pouco distante de nós estava fundeada a corveta *Goa*.

Não quero fechar esta carta sem te dizer qual foi a primeira impressão que recebi em Dilly, depois de contemplar o aspecto da vegetação opulenta, contrastando com a povoação miseravel, composta de meia duzia de cubatas espalhadas por entre os coqueiros.

Em obsequio ás formalidades, veiu logo a bordo um ajudante d'ordens do governador a fazer os comprimentos do estilo. Em companhia d'elle vinha um empregado da secretaria do governo que tinha chegado da Europa poucos mezes antes, mas que as febres do paiz tinham já reduzido a uma verdadeira mumia. Perguntei-lhe por varios europeus que esperava encontrar em Timor, e elle, com a maior naturalidade d'este mundo, respondia-me sempre: «Morreu das febres!» Era já avultado o numero dos mortos que o homem me noticiava. Entre elles soube com pena da desgraçada morte, devida a uma perniciosa, do Sousa Pereira, cirurgião do vapor *Maria Anna*, que fôra nosso contemporaneo nas aulas.

Chegando a persuadir-me por instantes de que me estava dirigindo a um espectro, perguntei-lhe:

— E o senhor tambem morreu?

Sem alterar a sua fria naturalidade, o homem, depois de um rapido interrogar da sua consciencia, respondeu-me:

— Não, senhor, mas estive quasi.

Fiquei horrorisado! JOÃO DE LACERDA.

A TESOURA

É um instrumento de ferro ou aço, composto de duas folhas ou laminas, que, sendo cortantes de um lado e terminando nas extremidades por um annel, se acham juntas por um pequeno eixo sobre o qual se movem. A tesoura serve para dividir, cortar, aparar, retalhar e tosquiar os corpos, operação que se faz aproximando as duas laminas.

Quem foi o inventor da tesoura? Não sería Tubalcaim, que trabalhava antes do diluvio, e de quem o Genesis diz: *Malleator et faber in cuncta opera aeris et ferri*, isto é, homem de martello e trabalhando em todas as qualidades de obra de ferro e arame? Estamos resolvido a acredital-o, e temos para isso fundamento. Tosquiam-se os rebanhos desde tempos immemoriaes. Não será, pois, tão antigo como a tosquia o instrumento necessario para esta operação? Tubalcaim, neto de Caim, inventou, por certo, a tesoura para em seu proveito tosquiar as ovelhas dos netos de Abel.

É sabido o uso que a bella Dalila fez da tesoura quando procurou anniquilar a força de Sansão: todos os cabellos lhe caíram de um só golpe. Mas, devemos dizel-o entre parenthesis, Sansão não foi o primeiro nem o ultimo amante que saíu tosquiado das mãos de uma ladina mulher. A duqueza de Montpensier, por exemplo, contava fazer outro tanto a Henrique III de França, e trouxe por muito tempo ao lado as tesouras que transformariam em monge aquelle monarcha effeminado, abrindo-lhe a coroa unica que devia usar.

Quando os tios de Clodoaldo ou Clou, neto de Clovis, quizeram que a rainha Clotilde comprehendesse que aquelle moço principe devia optar entre dois generos de morte, entre a clausura e o tumulo, mandaram-lhe uma espada e uma tesoura. Clotilde não gostava, porém, da espada. Graças á tesoura, a França contou mais um santo, e a aldeia que está entre Sèvres e Suresne teve por padroeiro um filho de reis.

A tesoura tem prestado serviços importantes á sociedade. Póde-se dizer que diariamente se observam os seus prodigios. Não é a tesoura que vae talhar com tanta elegancia os estofos que vestem as nossas mulheres sem lhes occultar a belleza das fórmas? não é a tesoura que nos ajusta a casaca ora de um ora de outro modo, transformando alguns homens em perfeitos figurinos? Nas mãos de certos jardineiros a tesoura não rivalisará com o cinzel do esculptor? Sem ella poder-se-hiam mudar os teixos em pyramides e paredes verdejantes? sem ella, na Hollanda, nos jardins de Harlem ou de Bruk, o buxo transfigurar-se-hia em diversos animaes á vontade do camponez que o decota e apara? Sem a tesoura teriamos cães d'agua tão aceiados e nedios? sem ella conseguiriamos a domesticidade de alguns animaes? sem ella conservariamos os cabellos cortados segundo a moda? sem ella não seriamos obrigados a usar as unhas compridas, como na China, ou a roel-as?

A utilidade da tesoura nas artes mecanicas, e para os usos domesticos, não se póde contestar. E, porventura, não será tambem util para as industrias mais elevadas? Póde-se afirmar, sem receio, que em litteratura, por exemplo, a tesoura é tão util e necessaria hoje como o canivete, e é o primeiro instrumento com o qual se deve armar um homem que ambicione popularidade e renome bem fundados, e um logar na academia. Assim pensava um douto escriptor, que Deus haja.

— É bem despropositada tal asserção! dir-se-ha: pois com tesoura é que se aparam as pennas? Voltaire, Buffon, Rousseau e outros auctores celebres, serviram-se acaso de tesoura para aparar a penna com que escreveram as suas immortaes obras?

— Não; mas, graças á tesoura, não haverá necessidade de aparar a penna para compor uma boa obra.

— Como se arranja então isso?

— O que vemos todos os dias é fazer livros com os livros de Voltaire, Rousseau, Buffon e outros auctores francezes e inglezes, graças á tesoura. Tal litterato que publica, pouco mais ou menos, dez volumes por anno, nunca deixa de usar de tesoura. O mais fecundo dos historiadores modernos tem-se egualmente servido do mesmo instrumento; e se elle enriqueceu com as historias, a tesoura foi-lhe então uma especie de buril de Clio.

Se a tesoura serve para fazer livros, serve tambem para os desfazer, pois ha muitas pessoas que, apesar de serem honradas e possuirem outras bellas qualidades, não sabem até para que Guttenberg inventou a imprensa, e não dão, como ignorantes, a menor importancia a um livro; desfazem-n'o quando tem ensejo para isso.

Mas, ainda assim, não será evidente que a tesoura é util, primeiro aos tosquiadores, porque os tosquiadores são pagos para tosquiar, e depois á sociedade, porque se prova que, passando pela acção da tesoura, os tosquiados ganham em innocencia o que perdem em energia?

Disse um escriptor que as academias do mundo deviam um dia lembrar-se de propor aos seus carissimos e illustrissimos confrades, para um concurso annual, o *Elogio da tesoura*.

O imperador de Marrocos usa nas suas armas a tesoura como divisa, o que prova que n'aquelle imperio é ella tambem um attributo do poder.